

MITOS DA CAVERNA

(espeleologia
infinita)

O Centro de Arte Contemporânea do Quetzal tem a honra de apresentar a exposição colectiva *Mitos da Caverna (Espeleologia Infinita)*, que poderá ser visitada de 31 de Março de 2019 a 30 de Março de 2020. *Mitos da Caverna (Espeleologia Infinita)* reúne obras de artistas modernos e contemporâneos que exploram as possibilidades artísticas da caverna. Um dos núcleos significativos da exposição é constituído por trabalhos da Coleção Bruin-Heijn, apresentando um abordagem curatorial gerada, em parte, a partir de um conjunto de obras de Mike Kelley.

A consciência do homem moderno nasceu na escuridão da caverna. As habitações subterrâneas dos primeiros homens assistiram ao despertar da alma humana moderna, vindo a reflectir-se artisticamente na vida contemporânea. A caverna tem um papel crucial no nosso entendimento da criatividade e do lento assomar ontológico de uma inteligência humana complexa e sensível, algures entre o caos primordial e as primeiras estruturas da civilização. Na sua famosa alegorização filosófica, a caverna é o lugar onde nasceram as nossas verdades e ideais: um lugar escuro que detém a chave dos mistérios da nossa existência.

Em *Mitos da Caverna (Espeleologia Infinita)*, apresenta-se uma selecção de obras de artistas que examinam a caverna e o seu potencial artístico. Parece haver uma urgência contemporânea em regressar à caverna. Na nossa actual era de pós-verdade, na qual a falência ideológica, a negligência ecológica e a soberba tecnológica delinearão um horizonte de colapso global, um olhar acutilante sobre o berço da civilização humana afigura-se mais premente do que nunca. E talvez nos possa ensinar algo de profundo sobre quem somos, ajudando-nos a imaginar o futuro de modo diferente.

Em *Grotto Profunda Approfundita* (2017), Pauline Curnier Jardin construiu uma sala-caverna cujo interior evoca a sensação de se ser engolido para o interior das entranhas de um corpo humano, permitindo à artista um jogo irónico com os lugares comuns em torno da caverna enquanto espaço espiritual e sexuado. Depois de *Unfinished Dinosaur in Flames* (Dinossauro Inacabado em Chamas) (1975), de Paul Thek, encontramos *The Sophisticated Neanderthal Interview* (Entrevista a Neandertal Sofisticado) (2013), de Nathaniel

Mellors, um encontro à beira de uma caverna entre um homem moderno e um Neandertal, que nos revelam uma teoria alternativa das origens da arte cavernícola, a par de uma lógica capitalista, cínica e emergente, subjacente à sua institucionalização. Mike Kelley reflecte sobre a caverna platónica e sua justaposição de verdade e ilusão no desenho *Exploring* (Exploração), que integra a sua instalação de grande escala *Plato's Cave, Rothko's Chapel, Lincoln's Profile* (A Caverna de Platão, A Capela de Rothko, O Perfil de Lincoln) (1985). Aqui, o artista ordena ao espectador: “Em espeleologia, é por vezes necessário agachar-se ... Por vezes, é necessário gatinhar ... Ou mesmo rastejar ... Rasteja, verme!” O trabalho de Kelley aborda a caverna enquanto espaço freudiano, alegorizando o subconsciente como algo fisicamente penetrável: quanto mais profundamente entramos nela, mais negros são os traumas com que nos podemos defrontar. Embora de um modo mais contido e abstracto, *Untitled* (Sem título), (2017), uma maquete à escala das divisões de um piso criada por Rachel Khedoori, também alude aos elos freudianos entre espaços físicos e mentais, entre memória e trauma. Elos que são explorados em maior detalhe em *Hotel des Grottes* (Hotel das Grutas) (2005) de Alexandra Leykauf, uma peça vídeo em que se percorre uma rede de cavernas ficcionais sob o hotel homónimo. Nestas obras, a metodologia artística assenta em preocupações de ordem psicanalítica: o negrume subterrâneo como *locus* dos nossos medos e desejos mais profundos, a explorar e debelar subjectivamente. Com os seus salientes incisivos expostos num esgar agressivo, a grotesca boca de *She Bites* (Ela morde) (1962), de Lee Lozano, estabelece um elo associativo e sexuado com a caverna enquanto abertura voraz, pronta a devorar tudo e todos.

Luís Lázaro Matos propõe-nos uma trajectória simbólica de sentido oposto. A sua instalação, uma encomenda *site-specific*, apresenta uma possibilidade transcendental aos visitantes, uma fuga da escuridão da caverna em direcção à luz, instando-nos (como que respondendo ao imperativo de Kelley): “Vem comigo para fora da nossa caverna – Pequeno vampiro, sobe!?. Lá em cima e lá fora, na ofuscante luz do dia, talvez pudéssemos estar de volta às circunstâncias idílicas de um novo início, tal como sugere Georges Dornic, na sua vasta tela *Les Amants* (Os Amantes, 1917), uma interpretação do paraíso terrestre tal como representado na arte religiosa de séculos passados. Em *¿Yucatán?* (2019), uma escultura constituída por dois quetzal abstractizados em volta de uma caverna ou ouvido, Dick Verdult contribui com uma definição de novos inícios através de mal-entendidos culturais. Com uma combinação jocosa de fontes históricas e mitológicas, Verdult ofereceu-nos mais uma leitura alternativa da caverna.

Mitos da Caverna (Espeleologia Infinita) tem curadoria de Aveline de Bruin e Xander Karskens.